

# “PERFIL DE PRETA”, DE JÚLIA LOPES DE ALMEIDA E “SHIRLEY PAIXÃO”, DE CONCEIÇÃO EVARISTO: UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE OS SUJEITOS FEMININOS PROTAGONIZADOS PELOS CONTOS

“PERFIL DE PRETA”, BY JÚLIA LOPES DE ALMEIDA AND “SHIRLEY PAIXÃO”, BY CONCEIÇÃO EVARISTO: A COMPARATIVE STUDY BETWEEN THE FEMALES SUBJECTS PERFORMED IN THE SHORT STORIES

Ana Paula Pereira Dias <sup>1</sup>  
Olívia Aparecida Silva <sup>2</sup>  
Maria Perla Araújo Morais <sup>3</sup>

Graduada em Letras, português e suas respectivas literaturas pela <sup>1</sup> Universidade Católica de Brasília – UCB, pós-graduada em Letras – língua e literatura pelas Faculdades integradas de Jacarepaguá – FIJ. Atualmente, faz mestrado pelo programa de pós-graduação em Letras pela Universidade Federal do Tocantins – UFT, onde pesquisa a representação feminina na obra *Ânsia eterna*, de Júlia Lopes de Almeida. Atua como professora de língua portuguesa da Educação Básica nos Ensinos Fundamental e Médio na Secretaria de Educação do Distrito Federal. E-mail: aninhap80@gmail.com

Possui graduação em Letras pela Universidade Estadual do Ceará <sup>2</sup> (1992), mestrado em Letras pela Universidade Federal do Ceará (1997) e doutorado em Literatura pela Universidade de Brasília (2005). Atualmente é professora associada da Universidade Federal do Tocantins. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura Brasileira, atuando principalmente nos seguintes temas: literatura brasileira, narrativa contemporânea, memória, autobiografia. E-mail: olivia@mail.uft.edu.br

Possui Graduação em Letras pela Universidade Federal de Juiz <sup>3</sup> de Fora (1998), Mestrado em Letras pela Universidade Federal de Juiz de Fora (2000) e Doutorado em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense (2006). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura Brasileira, Literatura Portuguesa e Literaturas Africanas, atuando principalmente nos seguintes temas: Guimarães Rosa, Mia Couto, Literatura e História, Identidade Cultural, Transculturação, Walter Benjamin, Monstruosidade. É professora de Literatura Portuguesa da Universidade Federal de Tocantins e líder do grupo de pesquisa NELA: Núcleo de estudos de Literaturas Africanas e Portuguesa, cadastrado no CNPQ. E-mail: perlamorais@gmail.com

**Resumo:** Este artigo tem por objetivo fazer uma relação de aproximação entre as diferenças e confluências entre os contos “Perfil de Preta”, da obra *Ânsia eterna* (1903)\*, de Júlia Lopes de Almeida, e “Shirley Paixão”, da obra *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2016), de Conceição Evaristo. Nesta análise, buscaremos discutir como se dá a representação feminina negra por meio da fala de suas personagens e os temas desenvolvidos em cada história, levando em consideração os diferentes contextos históricos e sociais em que estão inseridos. Para se fazer uma fundamentação acerca do discurso abordado nas obras, teorias de crítica literária feminista e que tratam sobre o discurso, como Spivak (2010), Bourdieu (2018), Ribeiro (2017), Dalcastagnè (2012), Woolf (2014), entre outros, serão citados.

**Palavras-chave:** Escrita feminina. Lugar de fala. Feminista.

**Abstract:** This article aims to make a rapprochement between the differences and confluences between the short stories “Perfil de Preta”, from the work *Ansia Eterna* (1903) by Júlia Lopes de Almeida and “Shirley Paixão”, from the work *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2016), by Conceição Evaristo. In this analysis, we will try to discuss how black female representation occurs through the speech of its characters and the themes developed in each story, taking into account the different historical and social contexts in which they are inserted. In order to make a rationale about the discourse addressed in the works, theories of feminist literary criticism that deal with discourse, such as Spivak (2010), Bourdieu (2018), Ribeiro (2017), Dalcastagnè (2012), Woolf among others, will be cited.

**Keywords:** Female writing. Place of speech. Feminist.

\* A primeira publicação do conto foi no ano de 1903, mas neste trabalho referimo-nos à edição do ano de 2013.a

## Considerações iniciais

O presente trabalho tem por objetivo comparar os sujeitos femininos protagonizados nos contos “Perfil de Preta” da obra *Ânsia eterna* (2012), de Júlia Lopes de Almeida e “Shirley Paixão”, da obra *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2016), de Conceição Evaristo. Nesta análise ater-nos-emos a perceber como seus discursos são construídos e o que eles representam, levando em consideração o contexto social, político e econômico da época, fatores determinantes para a constituição dos elementos das narrativas, além dos temas que as conduzem.

Os dois contos em discussão foram escritos por mulheres em épocas e contextos distintos. Júlia Lopes de Almeida (1862-1934), branca, de família burguesa, foi uma mulher que produziu em um cenário essencialmente patriarcal, em que o cânone era majoritariamente masculino. A autora retratou, em suas obras, a condição do sujeito feminino com muita sutileza e habilidade, explorando temas que expunham a extenuante realidade da mulher. Sua escrita foi relegada ao esquecimento por muito tempo, embora tenha tido grande prestígio no meio intelectual da época, visto que era de família nobre e de acesso ao mundo das letras. Porém, graças a estudos voltados à literatura de autoria feminina e crítica literária feminista, sua obra vem, aos poucos, ocupando espaço de forma merecida.

Por sua vez, Conceição Evaristo, negra, escritora contemporânea, de origem pobre, que enfrentou e enfrenta preconceitos, não só sociais, como também em meio acadêmico, expõe em sua obra as dificuldades da vida da mulher, sobretudo negra, e dá voz àquelas que, ainda, quase não têm representatividade no meio literário. Ela representa uma das vozes esquecidas, mas que já deveriam ter sido ouvidas. Esse esquecimento ou silenciamento demonstra que “quem possui o privilégio social possui o privilégio epistêmico, uma vez que o modelo valorizado e universal de ciência é branco” (RIBEIRO, 2017, p.24).

Antes de discorrer sobre os temas, o discurso, ou o lugar de fala de cada uma das personagens das obras em questão, é importante falar sobre o produzir literário feminino. Para que mulheres como Conceição Evaristo possam, hoje, falar, escrever, publicar, ter voz, houve um processo de luta e resistência na história da literatura. Conforme Duarte (s/d, p.2), “Dessas falas, por vezes isoladas, à constituição da literatura, muitos foram os caminhos e muitas as pedras. Tal processo inclui a paulatina aquisição do letramento, da escritura, e da cidadania, com o fim da escravização.”

Ao longo da história, a mulher teve sua subjetividade, liberdade e autonomia cerceadas em função do sujeito do sexo masculino e, também, por outras mulheres que reproduzem o discurso do sexo oposto. No Brasil do século XIX, por exemplo, a situação da mulher era de submissão. No século XX, as mulheres passaram a constituir um grupo social mais organizado, contestando direitos a elas negados. Desde então, aos poucos, a mulher foi conquistando sua autonomia e seu lugar na história. Contudo, esses marcos não eliminaram por completo a situação de subordinação delas, pois, ainda hoje, o machismo se impõe.

No século XIX, a inserção da mulher no meio essencialmente masculino era alvo de discriminação. Na música, por exemplo, Chiquinha Gonzaga era mal vista por reger operetas, compor polcas e tocar piano em meio a bêbados, negros e boêmios (PAULINO; EITERER et alii, 2009, p. 13). Considerado antro de marginais sem escrúpulos e princípios, dedicar-se à literatura também não era uma atividade que ficava bem a uma moça. Contudo, quando “Deus criou a mulher criou também a fantasia, a obstinação e o capricho” (Malba Tahan in: Júlia presente, 2009, p.13). Assim, algumas mulheres, dotadas por suas vocações ou pela vontade de fazer um mundo diferente, lançaram-se como propulsoras de mudanças, abrindo oportunidades para que outras, ao longo do século XX até os dias atuais, pudessem ter direito a suas falas serem ouvidas.

Júlia Lopes de Almeida, escondida, escrevia suas primeiras poesias. Um dia, descoberta pela irmã e delatada ao pai, expressou seu desejo e admiração pelo mundo da escrita. Convidada por ele, foi trabalhar em um jornal de grande circulação na época, a *Gazeta de Campinas*. Sua escrita em jornais foi marcada por temas como apoio à abolição e à república. Júlia Lopes, considerada uma das primeiras romancistas da literatura brasileira, tem seu estilo marcado pela assimilação de traços do Realismo e Naturalismo franceses. Suas histórias se passam, grande parte, no Rio de Janeiro, em período que atravessava turbulência política e econômica. Suas tramas e desenvolvimento de personagens acontecem em ambiente privado e no seio das famílias burguesas. O conto “Perfil de Preta”, dedicado ao escritor Machado de Assis, foge a esse cenário geral, uma vez que narra a

história de uma simples mulher, negra, em um dia corriqueiro, que tem como espaço o campo, mais precisamente num engenho e em momento pós-abolição.

Conceição Evaristo, para chegar a consagrar-se como escritora homenageada em feiras de livros, ter obras traduzidas em outras línguas, representar o país em eventos internacionais de literatura, como no Salão do livro de Paris, provocar assuntos para artigos, dissertações e teses, ser ganhadora do prêmio Jabuti (2015) com sua obra *Olhos d'água* e indicada a ocupar uma cadeira na Academia Brasileira de Letras (ABL), percorreu um caminho árduo, iniciado em uma infância pobre e cheia de restrições materiais, mas que era habitada por palavras em forma de histórias narradas. “Mamãe contava, minha tia contava, meu tio velhinho contava, os vizinhos e amigos contavam” (EVARISTO, 2009, s/p).

Dessa forma, das histórias que ouvia, dos livros que muitas vezes recebia de professores em troca de afazeres domésticos, ainda que precariamente, a menina Evaristo teve o incentivo para adentrar à educação formal e se tornar professora primária, estudante do curso de Letras, mestre em literatura brasileira e doutora em literatura comparada.

Sua obra *Insubmissas lágrimas de mulheres* é composta por 13 contos e todos intitulados com nomes femininos, que protagonizam as histórias. São narrativas carregadas de comoção, já que trazem histórias de violências, sejam elas físicas ou psicológicas. A autora dá voz a uma narradora que ouve as histórias das mulheres e as escreve. Na apresentação da obra, a escritora afirma: “Gosto de ouvir, mas não sou hábil conselheira. Ouço muito. Da voz outra, faço a minha, as histórias também” (EVARISTO, 2016. p.7). E, mais adiante:

Portanto, estas histórias não são totalmente minhas, mas quase que pertencem, na medida em que, às vezes, se (con)fundem com as minhas. Invento? Sim invento, sem o menor pudor. Então as histórias não são inventadas? Mesmo as reais, quando são contadas. [...]. Entretanto, afirmo que, ao registrar estas histórias, continuo no premeditado ato de traçar uma escrevivência. (EVARISTO, 2016. p.7)

Desse depoimento da autora, depreende-se que as histórias narradas na obra podem ser reais, ou não; inventadas, ou não. Afinal, ainda que impressionantes pela carga de atrocidades presente em cada um dos contos, não há nada de tão absurdo, uma vez que: “no contexto brasileiro, o alto índice de feminicídio de mulheres negras, a constatação de que as mulheres negras ainda são maioria no trabalho doméstico e terceirizado [...]” (RIBEIRO, 2017, p. 65). Segundo Evaristo, quando escreve, ou inventa a ficção, não se desprende do “corpo-mulher-negra em vivência”<sup>1</sup>, ou seja, fala com uma propriedade bem diferente de alguém com outra etnia e/ou sexo. Então, na produção de Evaristo, “escrevivência” é um fazer que mistura memória e invenção. Escrita e vida se con(fundem), bem como histórias ouvidas e vividas.

Considerando as peculiaridades dos contos em análise e os aspectos que serão analisados, tentaremos, aqui, constatar de que forma a mulher negra era vista socialmente no final século XIX, sob a ótica de uma mulher branca, representante de um pensamento de sua época e como é descrita a mulher negra na contemporaneidade, pela visão de uma mulher, também negra, ressaltando como o lugar de fala é relevante para se revelar valores, comportamentos e atitudes.

### **Preta e Shirley Paixão: duas vidas separadas por mais de um século**

*Ânsia eterna*, obra composta por 28 contos, incluindo “Perfil de Preta”, foi publicada, inicialmente, em 1903, início do século XX. Logo, estamos analisando uma narrativa que foi escrita há pouco mais de um século. É comum nesta e nas outras histórias da mesma coletânea, que o contexto histórico, social e cultural da época sejam, de certa forma, representados nas obras da autora — como também de outros autores. No conto em análise, por exemplo, sobressai-se a situação da mulher negra na sociedade brasileira do início do século XX. Em relação ao contexto histórico fazer-se presente nas obras, Edward Said afirma:

Não creio que os escritores sejam mecanicamente

<sup>1</sup> Trecho retirado da orelha do livro *Insubmissas lágrimas de mulheres*.

determinados pela ideologia, pela classe ou pela história econômica, mas acho que estão profundamente ligados à história de suas sociedades, moldando e moldados por essa história e suas experiências sociais em diferentes graus. (SAID, 2011, p. 24)

Em “Perfil de Preta”, no que tange à forma como é descrito o trabalho e suas funções, percebe-se, na fala da protagonista, que o enredo se passa em momento pós-abolicionista: “Não eram as fúrias de D. Ricarda Maria, tão impertinente, que ela mais temia, mas as almas penadas que andassem soltas, gemendo pelo mato. Lá a sua senhora? que se ninasse! já não havia escravos” (ALMEIDA, 2013, p.168).

Cabe, aqui, ressaltar a posição política que Júlia Lopes teve nesse sentido, já que ela foi umas das primeiras romancistas e, também, uma das primeiras a mencionar o tema abolicionista em seus trabalhos. Notadamente, “Em suas crônicas fez campanha em defesa da cidade, da educação da mulher, do divórcio, da exposição de flores, assim como fizera a defesa da Abolição e da República” (TELLES, 2017, p. 435).

A obra é, neste caso, vista como um *organismo* (CANDIDO, 2011), em que elementos *externos*, ou seja, os fatores que a condicionam e a motivam, tornam-se *internos*, isto é, considerados essenciais para sua estrutura. Logo, compreender seu momento de produção e sua representação no texto torna-se essencial para uma leitura mais integralizada. Por isso, a situação da mulher no Brasil do início do século XX como pano de fundo da obra torna-se importante para que possamos compreender as obras de Júlia Lopes de Almeida, bem como suas escolhas por retratar determinados temas com tanta proeza e sutileza.

Para se compreender a situação das personagens ora estudadas, além de observar o contexto em que se insere a história, faz-se necessária uma pequena síntese do que acontece no enredo. A personagem Gilda, a “Preta” a qual se refere o título do conto, tem a missão, naquele dia, de levar beijos à irmã de sua ama, D. Ricarda Maria, dona do engenho em que trabalha. O caminho por que Gilda passa para chegar até a casa de D. Luíza é ermo, cheio de matas e margeado por um rio. Entregue a encomenda, retoma seu caminho de volta. Por medo da noite escura que se aproxima e dos mistérios que envolvem aquele lugar, vislumbra passar na casa de João Romão, o galanteador do local em que vivem, e passar a noite ali com ele. Porém, ao se aproximar dali, depara-se, em meio à mata de bagaços de cana, com João Romão, Norberta e mais três parceiros em uma pescaria. Todavia, o que “enfureceu Gilda foi ver o mulato abraçar Norberta, mesmo ali, à vista dos outros...” (ALMEIDA, 2013, p.169). Nervosa com aquela cena, tomada pelo ciúme, imagina ir até lá e bater naquela gente, mas muda de ideia e segue o caminho, agora, já destemida da escuridão: “Gilda seguiu para adiante, tecendo ideias de vingança” (ALMEIDA, 2013, p.169).

No dia seguinte, tomada pelo ódio e ciúme que sentira na noite anterior, Gilda, aproveitando um momento de distração da patroa, e, enquanto o mulato trabalhava na máquina que triturava e esfarelava as raízes de mandioca, “disse, num berro furioso: - João Romão!” (ALMEIDA, 2013, p.171). Tomado pelo susto do grito, Romão perdeu a mão direita. “Gilda, vingada, num tremor de raiva e de espanto, dizia que só dera o grito ao perceber a catástrofe” (ALMEIDA, 2013, p.172).

E assim é traçado o perfil de Gilda, o “Perfil de Preta”, uma mulher vingativa, calculista, que, além de ter agido de forma a prejudicar o rapaz, tê-lo mutilado, não demonstrou nenhum arrependimento:

Apesar de o ver maneta e de o saber preguiçoso, Norberta fez-se a sua companheira. Essa trabalha por dois, e, sempre que vê a Gilda passar pela sua porta, cantando escarninhadamente com as mãos para as costas, ela cospe três vezes, dependurada do umbral o ramo de arruda, faz no vazio o sinal da cruz e diz de modo a fazer-se ouvir da outra: -Te esconjuro, diabo!” (ALMEIDA, 2013, p.172)

Por sua vez, *Insubmissas Lágrimas de mulheres*, obra contemporânea, aborda várias temáticas, as quais envolvem questões de gênero e violências, que contemplam o estupro, espancamentos, abortos, bem como diferentes formas de violência, como a naturalização da

dominação masculina sobre a mulher, denominada por Pierre Bourdieu (2018) como “simbólica”, mas que, insensivelmente, ofende, submete, humilha.

O conto de Evaristo em estudo narra a história de Shirley Paixão, suas cinco filhas: três delas trazidas pelo marido e duas da personagem. As cinco meninas eram ainda crianças, com idades entre cinco e nove anos, quando Shirley resolveu casar-se. Durante sete anos, conforme narra o protagonista, tiveram uma vida comum: “Vivíamos bem, as brigas e os desentendimentos que, às vezes, surgiam entre nós eram por questões corriqueiras, como na vida de qualquer casal” (EVARISTO, 2016, p.27). A amizade e a semelhança que existia entre elas era tão forte, que, quem as via, não pensavam que eram filhas de pais diferentes, conforme afirma a narradora. Conforme Shirley: “Mãe me tornei de todas. E assim seguia a vida cúmplice entre nós. Eu, feliz, assistindo às minhas cinco meninas crescendo. Uma confraria de mulheres” (EVARISTO, 2016, p.28). Esse forte elo entre elas incomodava o homem da casa, que não gostava do fato de elas estarem sempre juntas.

Shirley dizia pressentir que “Uma batalha [as] esperava e, no centro do combate, o inimigo seria ele” (EVARISTO, 2016, p. 28). Sobre esse ato de pressentir, no que se refere à mulher, é “uma forma peculiar da lucidez especial dos dominados, o que chamamos de ‘intuição feminina’” (BOURDIEU, 2018, p. 51). Na verdade, Shirley se sentia ameaçada, e isso a fazia ficar vigilante a possíveis riscos a que ela e as filhas estavam sujeitas, ainda que não soubesse qual exatamente. Sobre essa iminência de algum perigo principalmente relacionado ao sujeito feminino, é interessante o que o filósofo francês esclarece:

(...) muitas pesquisas puseram em evidência a perspicácia peculiar dos dominados, sobretudo das mulheres (e muito especialmente das mulheres dupla ou triplemente dominadas, como as donas de casa negras, de que fala Judith Rollins em *Between Women*): mais sensíveis aos sinais não verbais (sobretudo à inflexão) que os homens, as mulheres sabem identificar melhor uma emoção não representada verbalmente e decifrar o que está implícito em diálogo (BOURDIEU, 2018. p.51).

Seni, a menina mais velha do marido e que, quando chegou à casa de Shirley ainda não completava cinco anos de idade, era “a mais arredia”: “Era capaz de ficar longo tempo de mãos dadas com as irmãs ou comigo, sem dizer nada, em profundo silêncio” (EVARISTO, 2016, p. 28). Shirley imaginava que o motivo do silêncio da menina poderia ser por conta da falta da mãe. Dessa forma, fazia de tudo para ampará-la. O comportamento de silêncio de Seni se estendeu até os doze anos de idade. Era uma garota tímida, cuidadosa com as irmãs e de notabilidade exemplar na escola. Quanto ao pai, constantemente a implicava. Segundo uma professora, “Seni tinha a mania de perfeição e uma autocensura muito grande”. A apreciação da professora sobre a menina fez com que Shirley pensasse ainda mais na batalha a qual se referia no início de seu relato. O marido sempre falava com a menina para “desvalorizá-la, usando constantemente de palavras de deboche” (EVARISTO, 2016, p. 29).

Em casa, a conversa que Shirley teve com a professora foi relatada ao marido e a reação dele foi de raiva, a ponto de quase agredir a filha. Neste momento, a menina entra em pânico e chora desesperadamente. Para a mãe, era “como se pedisse abrigo no mais profundo de mim” (EVARISTO, 2016, p. 30). Quanto ao pai, “Ele olhava de modo estranho para a filha”. Foi nesse mesmo dia que, ao voltar para casa, enquanto todas dormiam, o homem entrou, devagar, no quarto das meninas:

Então puxou violentamente Seni da cama, modificando, naquela noite, a maneira silenciosa com que ele retirava a filha do quarto e levava aos fundos da casa para machucá-la [...]. Naquela noite, o animal estava tão furioso [...] que Seni, para a sua salvação, fez do medo, do pavor, coragem. [...]. As irmãs acordaram apavoradas, engrossando a gritaria e o pedido de socorro. Em princípio não reconheceram o pai – só poderia ser um estranho - e começaram a gritar por ele e por mim.

(EVARISTO, 2016, p. 31)

Para as meninas, era um estranho, não reconheciam o pai. Shirley narra que aquilo era “a cena mais dolorosa” da sua vida: “Um homem esbravejando, tentando agarrar, possuir, violentar o corpo nu da menina, enquanto outras vozes suplicantes, desesperadas, desamparadas, chamavam por socorro. Pediam ajuda ao pai, sem perceberem que ele era o próprio algoz” (EVARISTO, 2016, p. 32). O comportamento dele é a própria demonstração de que “o ato sexual em si é concebido pelos homens como uma forma de dominação, de apropriação, de ‘posse’” (BOURDIEU, 2018, p. 36) e, ainda, o estupro é “nada mais, nada menos que um processo consciente de intimidação pelo qual todos os homens mantém todas as mulheres num estado de medo” (YOUNG, 2000, p. 62, apud BIROLI, 2017, p. 113).

O pai usava seu natural poder de dominação masculina para imprimir na figura feminina, ainda criança, a violência sexual. Covardemente, aproveita-se da condição de único ser viril da casa e vê na oportunidade uma forma de afirmar-se como tal, confirmando que a virilidade é “uma noção eminentemente *relacional*, construída diante dos outros homens, para os outros homens e contra a feminilidade, por uma espécie de medo feminino, e construída, primeiramente, dentro de si mesmo” (BOURDIEU, 2018, p. 79).

Diante daquela cena lastimável, Shirley utiliza-se de uma barra de ferro que servia de tranca da janela e dá um primeiro golpe que deixou o homem caído no chão. O segundo golpe não chegou a acontecer, pois uma vizinha a impediu de realizá-lo.

Na cena, Seni nua, frágil, amparada agora pelos braços da mãe, envolta em um lençol, na presença das irmãs e vizinhos; o homem caído no chão. A polícia ordenou que não se lavasse o corpo da menina a fim de que fosse feito o exame de corpo de delito.

Sugerida pelas vizinhas que fugisse, Shirley ficou e confessou que “queria matá-lo”. Não que “tivesse planejado [...]. Mas no momento em que aconteceu, [...] só tinha uma certeza: aquele homem não merecia viver” (EVARISTO, 2016, p. 27). Porém, o homem não morreu, foi preso. Shirley também foi presa:

Eu ainda vivi tempos de minha meia-morte, atrás das grades, longe das minhas filhas, e toda a minha gente, por ter quase matado aquele animal. Sei que não se pode e nem se deve fazer justiça com as próprias mãos, mas o meu ato foi o de livrar a minha filha. Não tinha outro jeito (EVARISTO, 2011, p. 30).

Nos dois contos, há uma confluência no que se refere à reação de suas protagonistas agirem violentamente, movidas por motivos diferentes, porém, no mesmo desejo - vingança. Sobre esse tema:

Vingar-se é devolver ao adversário a violência que ele já nos prodigalizou. É, portanto, o assassinato. A vingança transcende os indivíduos uma vez que os parentes, os familiares a retomam. De certo modo, a vingança transcende o tempo e o espaço o que já lhe dá, de alguma maneira, qualquer coisa de religioso. (GIRARD, 2009, p. 5)

Tomando por base as atitudes de violência em resposta a seus sentimentos em consonância com o que diz Girard a respeito do tema aqui exposto, é possível dizer que as duas mulheres agiram em consequência de um fato que já as tinham prodigalizado. Para Gilda, ter sido, de certa forma, trocada por outra, foi o motivo para que fosse tão sorradeira e violenta contra o rapaz. E ela se sente vingada, pois “João nunca mais seduziu as crioulas dedilhando na viola aquelas modinhas faceiras e sentimentais” (ALMEIDA, 2013 p.172). Preta é movida, somente, pelo ciúme que sente do homem. Sobre ciúme, Freud diz:

É fácil perceber que essencialmente se compõe de pesar, do sofrimento causado pelo pensamento de perder o objeto amado,[...] ademais, também de sentimentos de inimizade contra o rival bem sucedido, e de maior ou menor quantidade

de autocrítica que procura responsabilizar por sua perda o próprio ego do sujeito (FREUD, 1922, p.237).

Gilda sente-se perdedora do amor de João, ainda que não tivesse qualquer tipo de compromisso com ele. Ela premedita, ainda que aconteça tudo muito rápido, e espera a chance de distrair João Romão para atingi-lo.

Nenhuma sentença é aplicada à Gilda pela maldade que causara ao rapaz. A astúcia confere a ela sair da cena do crime como possível inocente, pois “todas afirmavam que o caso deveria ter sido como Gilda explicava, por que não? Fora tudo momentâneo, e a própria D. Ricarda Maria, ali de vigia, não se sentia habilitada nem pra acusar, nem pra defender...” (ALMEIDA, 2013 p.172).

Já para Shirley Paixão, a vingança acontece como forma a defender a filha da violência e do abuso sexual que, mais uma vez, estava prestes a ocorrer. A intenção dela era mesmo dar fim à vida dele. Shirley age muito consciente de seu feito e diz: “Não adianta me perguntar se me arrependi. Arrependi não” (EVARISTO, 2016, p. 27). Ela foge ao estereótipo de mulher-vítima e assume a responsabilidade do seu ato.

Temos aí duas vinganças. Entretanto, uma é bem justificada e se constitui como única forma de defesa. A personagem quis fazer justiça com as próprias mãos, ainda que tivesse consciência de que aquilo não era o correto. A outra apresenta-se enquanto crueldade humana. Embora as personagens de “Perfil de Preta” fiquem em dúvida sobre o que, de fato, ocasionou o acidente, o leitor sabe que foi Gilda a culpada. Sobre seus atos, então, o que as difere?

Na narrativa de Júlia Lopes, não há uma descrição da história de vida de Gilda, pouco ou quase nada se sabe sobre ela. Não se sabe se ela tem família, se é mãe, ou o que faz além de trabalhar para D. Ricarda. Em Conceição Evaristo, a protagonista é descrita como boa mãe, cuidadosa, atenciosa, generosa e acolhedora. Tem uma família, cinco filhas e é casada. A história é ela quem narra. São as perspectivas e análises dela mesma. A narradora, ali, tem o papel de mera ouvinte. “Foi assim – me contou Shirley Paixão – quando vi caído o corpo ensanguentado daquele que tinha sido meu homem, nenhuma compaixão tive” (EVARISTO, 2016, p. 27). No conto, não há mais, sequer, uma palavra da narradora, elas se limitam a “me contou Shirley Paixão”.

Nessa perspectiva, em “Perfil de Preta”, é relevante pensarmos no porquê de Gilda pouco falar e, muito diferentemente, Shirley Paixão tanto dizer, tanto expressar. Atenhamo-nos, portanto, à narrativa. No primeiro conto, o narrador, sem gênero definido, atém-se a descrever, fundamentalmente, três pontos: a tarefa que tinha sido atribuída a Gilda naquele dia, sua admiração por João Romão e o contato com as poucas pessoas por onde ela passou. Sobre sua personalidade, se evidenciam, predominantemente, o jeito desafiador e a maldade com que age: sorrateiramente e sem arrependimentos. Raras são suas palavras. No geral, de deboche ou mau agouro. Não há espaço para que ela expresse suas agruras, desejos, anseios. O narrador fala e emite suas impressões.

Quem está, de fato, ocupando o lugar de fala da personagem Gilda, a Preta, a debochada, a desobediente é o narrador. Júlia Lopes, mulher branca, culta, da aristocracia, participou ativamente de questões políticas de sua época. Lutou não apenas pelas mulheres, como, também, pela causa daqueles que eram oprimidos por suas origens. Pode-se afirmar, portanto, que ela não compartilhava com ideias de cunho racista.

O narrador de “Perfil de Preta” não está imune a descrever o negro como alguém, de certa forma, estereotipado, reproduzindo vozes que existiam na sociedade. Ainda que apresente algum traço que reproduza o perfil de como se via o negro naquela época, o conto não se aproxima de como eram descritos personagens negros pelos cânones da literatura brasileira, normalmente carregados de termos pejorativos, configurando um racismo velado ou, muitas vezes, explícito. Desses tipos de personagens:

quem não se lembra [...] da mulata assanhada, que nunca é mulher diurna, só noturna; nunca é espírito, só carne; nunca é família ou trabalho, só prazer? E bem conhecemos o complemento masculino dessa fantasia: o mulato malandro, chegado à festa e aos vícios, fator de degeneração e de

equilíbrio social (DUARTE, s/d, p.12).

Mais uma vez, o conto se mostra diferente daqueles de sua época. Gilda não é uma desocupada. Embora carregue em sua personalidade características de um ser humano com índole má, trabalha e, ao falar do sentimento que Preta tinha por João Romão, o narrador não a sexualiza.

Com o poder da palavra, de poder escrever, publicar, Júlia Lopes, assim como quaisquer outros autores, tem um lugar de fala, representativo de seu lugar social e “Um dos sentidos de representar é, exatamente, falar em nome do outro” (DALCASTAGNÈ, 2012, p.19). No geral, suas personagens refletem a vida econômica, cultural, social a que a autora tinha acesso. Porém, quando fala do negro, faz uma representação do lado de fora, já que discorre sobre a uma realidade diferente da que vivia, faz a descrição de um mero observador. Por suas ideias, sabe-se que a intenção dela não era marginalizar, ridicularizar ou, intencionalmente, estereotipar o negro. Porém, falar no lugar do outro não dá a ela uma legitimidade do discurso. “Mesmo que outros possam ser sensíveis e solidários a seus problemas, nunca viverão as mesmas experiências de vida e, portanto, enxergarão o mundo social a partir de uma perspectiva diferente” (DALCASTAGNÈ, 2012, p.20).

Júlia Lopes era privilegiada econômica e socialmente, ou seja, tinha requisitos para escrever, publicar e ser ouvida, fazia parte de uma pequena parcela da sociedade, pois “Até o começo do século XIX, a mulher de renome era uma aristocrata. Era a grande dama que comandava, escrevia cartas e tinha influência política” (WOOLF, [1929], 2012, p.53). Poderia, dessa forma, falar por ela e por outros, embora tenha versado, no conto em análise, sobre uma realidade a ela alheia. A personagem Gilda, bem como as demais, não falam por si, têm seus discursos proferidos por outrem. São silenciados, isto é, tem seus direitos de fala negados, por não terem os mesmos requisitos sociais a que Júlia Lopes e outros escritores possuíam. Esses personagens sem voz no discurso estão à margem da sociedade e “o silêncio dos marginalizados é coberto por vozes que se sobrepõem a eles, vozes que buscam falar em nome deles, mas também por vezes, é quebrado pela produção literária de seus próprios integrantes” (DALCASTAGNÈ, 2012, p.17).

Conceição Evaristo é exemplo desse integrante a que se refere Dalcastagnè. Ela tem toda a autoridade para falar sobre assuntos correlatos à vida de suas personagens: mulheres, negras, marginalizadas. Nesse contexto, há um discurso muito mais consciente, pois sabe por que, como e por quem fala. Poder falar é poder existir. Falar pelo outro é reificar, desvalorizar e anular sua subjetividade. Nesse sentido:

quando falamos de direito à existência digna, à voz, estamos falando de *locus* social, de como esse lugar imposto dificulta a possibilidade de transcendência. Absolutamente não tem a ver com uma visão essencialista de que somente o negro pode falar sobre racismo, por exemplo (RIBEIRO, 2017, p.64).

Cabe a quem escreve, desta forma, ter disposição para ouvir e aprender o que ele não pode conhecer pela sua própria vivência. Mais do que isso, dar a oportunidade para o outro falar de e por si. Sobre dar espaço aos historicamente marginalizados e silenciados, Spivak afirma que é à mulher intelectual que “caberá a tarefa de criar espaços e condições de autorrepresentação e de questionar os limites representacionais, bem como seu próprio lugar de enunciação e sua cumplicidade no trabalho intelectual” (2010, p.15).

Quando se fala em lugar de fala, o que se discute não são os indivíduos, mas as relações de poder. Ao contar o que aconteceu, Shirley Paixão traz sua experiência vivida e isso importa, certamente, mas, o mais importante é entender que a realidade social em que está inserida a personagem revela algo maior, pois demonstra o grupo ao qual ela faz parte. Dessa forma, falam Shirley Paixão e o grupo em que vive a personagem, ambos por meio da escritora. Das experiências isoladas, surgem as falas de outros, também, historicamente silenciados.

Durante grande parte da história, mulheres e negros tiveram seus lugares de fala ocupados pela hegemonia masculina branca. Ultrapassar as barreiras de segregação custaram e ainda custam grandes lutas. Não se calar e não se deixar ser silenciado é um processo ainda difícil. Não se submeter ao outro, ao mais forte, é um ato de bravura e a vitória desse ato, uma conquista. As lágrimas de mulheres que sofreram vários tipos de violências trazem nas páginas da obra de Evaristo uma indissimulável porção de emoções e ressentimentos, porém carregadas de altivez e autoconfiança.

Por ter quase matado o marido, Shirley Paixão ficou três anos presa. Em decorrência do ato heroico para livrar as filhas, a personagem garantiu um futuro diferente do que, provavelmente, estava a elas reservado, sobretudo, a Seni. Depois de trinta anos da fatídica noite, ela explica:

Das meninas, três já me deram netos, estão felizes. Seni e a mais nova continuam morando comigo. A nossa irmandade, a confraria de mulheres é agora fortalecida por uma geração de netas que desponta. Seni continua buscando formas de suplantar as dores do passado. Creio que, ao longo do tempo, vem conseguindo. Entretanto, aprofunda, a cada dia, o seu dom de proteger e de cuidar da vida das pessoas. É uma excelente médica. Escolheu o ramo da pediatria (EVARISTO, 2016, p. 34).

Notam-se diferenças existentes entre as personagens de Evaristo e Preta, de Júlia Lopes. Não se pode negar, porém, que os motivos que desencadearam os fatos conferem à Shirley não o epíteto de uma criminosa, mas uma heroína, diferentemente de Gilda, a “Preta”, a qual não se sabe ao certo quais sentimentos nutria pelo rapaz mutilado. Shirley tem como ônus do crime a prisão; Preta, por sua vez, a indiferença de João Romão. Shirley tem uma vida de prosperidade ao lado das filhas. À Preta cabe apenas o fato de não terem a certeza de que foi ela a culpada pelo crime. Uma protagonista se afirma como forte, sobretudo pela forma como protege e educa as filhas. A outra, por sua vez, é destemida, ousada, de atitude, porém, covarde.

A forma encontrada para demonstrar a não submissão àquela situação a que julgava estar sujeita, a protagonista de Júlia Lopes de Almeida age de forma a prejudicar o rapaz por quem ela nutria um sentimento, ao que parece, de posse. De acordo com a perspectiva dela, machucar, mutilar João Romão foi afirmar sua posição de não submissão, não sair perdedora da situação.

Mais de um século separa as duas obras. Shirley, assim como as demais personagens da obra *Insubmissas lágrimas de mulheres*, sofreu, foi vítima do machismo, mas teve seu final digno de uma mulher que não se sujeitou a ser relegada ao que lhe era proposto, lugar de submissão e sofrimento; ao contrário, Shirley diz que “A nossa irmandade, a confraria de mulheres é agora fortalecida por uma geração de netas que desponta” (EVARISTO, p. 34). Da batalha que travou contra todo o destino que era previsível a elas, colheu uma geração forte, empática, disposta e ensinada a lutar por seus lugares sociais. À “Preta”, a autora não reservou um final promissor. Abruptamente, o conto se encerra com a personagem sem a atenção do homem que queria, sem admiração, sem amor.

Dessa forma, o que aproxima as duas personagens é o fato de ambas serem mulheres, negras e, portanto, vítimas sociais. Shirley e Preta são a representação do que é a mulher negra na sociedade brasileira: duplamente vítima. Uma é vítima do machismo; a outra pratica violência contra um homem, mas isso não quer dizer que, em sua história, talvez não houvesse marcas de violência praticadas por homens, dadas sua condição social e os contextos social e histórico em que estava inserida. Se a ela fosse dada a oportunidade de narrar a própria história, talvez houvesse mais aproximação da história de Júlia Lopes à de Conceição Evaristo. A personagem de Júlia Lopes não pôde falar por si. Há mais de um século, isso era quase impossível. O lugar de subalternidade talvez tenha conferido a ela apenas agir de forma vil, uma vez que “o subalterno, nesse caso em especial, a mulher como subalterna, não pode falar e quando tenta fazê-lo não encontra os meios para se fazer ouvir” (SPIVAK, 2010, p. 15).

## Considerações finais

Júlia Lopes ousou ao dar à sua obra um conto cuja protagonista é uma negra. Tal ousadia não se dá pela cor da pele da personagem, porque o sujeito feminino negro já se fazia presente na literatura brasileira desde suas primeiras ocorrências, mas, sim, pela nuance diferenciada com que trata sobre o negro. A autora soube dar o tom da crítica ao comportamento vil da personagem, e, ao mesmo tempo, alertou para as formas de relação de servidão, além de revelar, com o comportamento de Preta que, embora nada admirável, a mulher já começava a dar sinais de que

poderia se sentir dona de suas escolhas, desde o simples atraso de suas tarefas, sem se importar com os desmandos da patroa, até a forma de se posicionar como agente de seu destino.

Usufruindo de seu lugar de prestígio social e intelectual, Júlia Lopes, muito sutil e astuciosamente, foi sensível às questões sociais e femininas. Não se deve esquecer, entretanto, de que ela falava em um ambiente essencialmente de dominação masculina, o que nos faz atentar a fazer uma leitura de suas obras mais nas entrelinhas e, desta forma, não cair na injustiça de julgá-la mantenedora do conservadorismo vigente.

Com Shirley Paixão, Evaristo traz o protagonismo que a mulher negra, a duras penas, e ainda muito raro, tenta exercer na sociedade. Sobrevivente de um mundo com traços essencialmente patriarcalista, se refaz das mazelas impostas a quem, naturalmente, é marginalizado.

Conceição Evaristo, entre outras escritoras negras da contemporaneidade, é a continuação do trabalho de outras escritoras como Júlia Lopes que, lá atrás, mesmo com a liberdade limitada, deixaram sua semente de luta e busca de liberdade. Produzir como Evaristo, hoje, é construir o presente sem se esquecer da luta dessas mulheres.

Seria injusto deixar de salientar aqui que as duas autoras foram vítimas de um dos piores traços de preconceito enraizado em nossa sociedade, o machismo. Júlia Lopes foi uma das idealizadoras da ABL, estava ao lado de Machado de Assis na criação da Academia, mas não foi considerada parte do corpo, simplesmente por ser mulher. Conceição, indicada a ocupar uma cadeira dessa mesma academia, neste ano, não foi escolhida, em detrimento, também, de um homem. Quanto a Evaristo, soma-se a isso o fato de ser negra, prova de que, nem mesmo o ambiente intelectual, extirpou de si o pensamento colonial do opressor.

Tendo em vista os aspectos observados, notamos que ler Júlia Lopes de Almeida é resgatar da memória literária brasileira feminina o engajamento social de uma voz que, mesmo na transição entre os séculos XIX e XX dava, entre outras escritoras, gritos pelo direito de serem ouvidas e respeitadas. Ler Conceição Evaristo é vivenciar a forma engajada com que se faz literatura na contemporaneidade; é notar o poder de denúncia social que tem a escrita sob a perspectiva de quem está dentro e fora do mundo marginalizado.

## Referências

ALMEIDA, Júlia Lopes de. O caso de Rute. In **Ânsia eterna**. Florianópolis: Mulheres, 2013.

PIERRE, Bourdieu. **A dominação masculina: A condição feminina e a violência simbólica**. 6 ed. Rio de Janeiro: Bestbolso, 2018.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 11ª ed., Rio de Janeiro: Editora Ouro sobre Azul, 2010.

DALCASTAGNÉ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea – um território contestado**. São Paulo: Horizonte, 2012.

DUARTE, Eduardo de Assis. **Entre Orfeu e exu, a afrodescendência toma a palavra**. Disponibilidade em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/artigos/artigos-teorico-conceituais/152-eduardo-de-assis-duarte-entre-orfeu-e-exu-a-afrodescendencia-toma-a-palavra>. Acesso em: 21 set. 2018.

\_\_\_\_\_. **Por um conceito de literatura afro-brasileira**. Disponibilidade em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/artigos/artigos-teorico-conceituais/148-eduardo-de-assis-duarte-por-um-conceito-de-literatura-afro-brasileira>. Acesso em 21 set. 2018.

EVARISTO, Conceição. Shirley Paixão. In: **Insubmissas lágrimas de mulheres**. Rio de Janeiro: Malê, 2016. 140 p.

\_\_\_\_\_. Gênero e etnia: uma escrivência em dupla face. In: **“Mulheres no mundo, etnia, marginalidade e diáspora**. João Pessoa: Ideia, 2005. Acesso em: 24 nov. 2018.

FREUD, Sigmund. Alguns mecanismos neuróticos no ciúme, na paranóia e no homossexualismo.

In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1975. V. XVIII. Edição original alemã em 1922.

GIRARD, René. **O bode expiatório e Deus**. Tradução de Márcio Meruje. Covilhã, 2008. 20 p.

NETO, Rosana de Mont'Alverne. Júlia, uma brasileira. In: **Júlia presente**. Universidade Federal de Minas Gerais, 2009.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017. 111 p.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, Andre Pereira Feitosa. Editora UFMG, Belo Horizonte: 2010.

TELLES, Norma. Escritoras, escritas e escrituras. In DEL PRIORI, Mary. **História das mulheres no Brasil**. São Paulo, Contexto, 2017.

WOOLF, Virgínia. **Um teto todo seu**. São Paulo, Tordesilhas, 2014.

\_\_\_\_\_. Duas mulheres. In: **Profissões para mulheres e outros artigos feministas**. Porto Alegre, L&M pocket, 2012.

YOUNG, Iris Marion. **Justice and the politics of difference**, 1990. Apud BIROLI, F.;

MIGUEL, L.F. **Feminismo e política**. São Paulo, Boitempo, 2017.

Recebido em 30 de novembro de 2018.

Aceito em 12 de abril de 2019.